

iberografias

41

**GEOGRAFIA
SEM
FRONTEIRAS**

DIÁLOGOS ENTRE PORTUGAL E O BRASIL

RUI JACINTO
(coordenação)



ce1
Centro de Estudos Ibéricos

Âncora
editora

IBEROGRAFÍAS

41

**GEOGRAFIA SEM FRONTEIRAS
DIÁLOGOS ENTRE PORTUGAL E O BRASIL**

Coordenação:
Rui Jacinto

IBEROGRAFIAS

41

Coleção Iberografias
Volume 41

Título: Geografia sem Fronteiras. Diálogos entre Portugal e o Brasil

Coordenação: Rui Jacinto

Apoio à edição: Ana Margarida Proença

Autores: Adriana Loureiro, Adriana Veríssimo Serrão, Álvaro Domingues, Alvaro Ferreira, Ana Fani Alessandri Carlos, Ana Monteiro, Angelo Serpa, António Campar de Almeida, Antonio Colinas, António Gama, Antonio Nivaldo Hespagnol, Antonio Pedro Pita, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Arlete Moyses Rodrigues, Bartolomeu Israel de Souza, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Carlos Walter Porto Gonçalves, Carminda Cavaco, Clara Almeida Santos, Claudino Ferreira, Claudio António Di Mauro, Cláudio Zanotelli, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Eliseu Savério Sposito, Fernanda Delgado Cravidão, Fernando Oliveira Baptista, Fernando Paulouro Neves, Fernando R. de la Flor, Florencio Maíllo Cascón, Helena Freitas, Jaime Couto Ferreira, João Ferrão, João Guerreiro, João Lima Sant'Anna Neto, João Rua, Jorge Gaspar, Jorge Luiz Barbosa, Jorge Macaísta Malheiros, Jorge Paiva, José Alberto Fernandes, José Aldemir de Oliveira, José António Bandeirinha, José Borzachiello da Silva, José Luis Puerto, José Luís Zêzere, José Manuel Llorente Pinto, José Manuel Simões, Luciano Lourenço, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Lúcio Cunha, Maria Adélia de Souza, Maria Auxiliadora da Silva, Maria Encarnação Beltrão Sposito, Maria Eugénia Soares de Albergaria Moreira, Maria Laura Silveira, Maria Lucinda Fonseca, Maria Tereza Duarte Paes, Messias Modesto dos Passos, Neli Aparecida de Mello-Théry, Paula Santana, Paulo Nuno Nossa, Paulo Peixoto, Pedro de Almeida Vasconcelos, Pedro Hespanha, Roberto Lobato Corrêa, Roberto Verdum, Rogério Haesbaert, Rosângela Ap. de Medeiros Hespagnol, Rui Jacinto, Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior, Sandra Lencioni, Teresa Barata Salgueiro, Thalita Xavier Garrido Miranda, Valentín Cabero Diéguez, Walter Rossa

Pré-impressão: Âncora Editora

Capa: Tiago Melo

Imagem: Cartaz da exposição de fotografia “transversalidades - diálogos imagéticos entre Portugal e o Brasil”
Fotografias de: Bruno Lisita Rezende; Vlademir Alexandre Gomes

Impressão e acabamento: Grafisol - Edições e Papelarias, Lda.

1.ª edição: dezembro 2021

Depósito legal n.º 493549/21

ISBN: 978 972 780 800 7

ISBN: 978 989 867 629 0

Edição n.º 41041

Centro de Estudos Ibéricos

Rua Soeiro Viegas n.º 8

6300-758 Guarda

cei@cei.pt

www.cei.pt

Âncora Editora

Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.

1350-179 Lisboa

geral@ancora-editora.pt

www.ancora-editora.pt

www.facebook.com/ancoraeditora

O Centro de Estudos Ibéricos respeita os originais dos textos, não se responsabilizando pelos conteúdos, forma e opiniões neles expressas. A opção ou não pelas regras do novo acordo ortográfico é da responsabilidade dos autores

Apoios:



DIÁLOGO SEM FRONTEIRAS: PORTUGAL, BRASIL E AS NOVAS GEOGRAFIAS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA	11
Rui Jacinto	
IMAGEM E TERRITÓRIO: FOTO(GEO)GRAFIA OU A DEMANDA DOS RUMORES DO MUNDO	17
Rui Jacinto	
Imagem e Exclusão Territorial: Transversalidades, uma Cartografia da Ausência e da Memória Transfonteiriça	17
Fotografia sem Fronteiras: ler as diversidades, interpretar as mudanças, combater as desigualdades	21
Imaginar o mundo na era da imagem	27
Foto(Geografia): a luz que (d)escreve a terra	35
Viagens, Paisagens, Imagens: Fotografia e Território	40
Poéticas do olhar: imagem e cultura territorial	49
Viagem, imagem e as narrativas do mundo	54
Geografias Efêmeras: as imagens e o lugar, o lugar das imagens	56
Imagem & território: em demanda dos Rumores do Mundo	59
Geografias do Olhar: "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara"	66
PATRIMÓNIO NATURAL, PAISAGENS E BIODIVERSIDADE	
Geografias do sofrimento e da melancolia	77
Jorge Gaspar	
Imágenes y miradas solidarias	81
Valentín Cabero Diéguez	
Reserva de Imaginário	85
Fernando Paulouro Neves	
Fotografia e Paisagem	89
Jorge Gaspar	
O horizonte que vem até nós	95
Adriana Veríssimo Serrão	
Memórias geográficas, paisagens literárias	99
Maria Auxiliadora da Silva; Thalita Xavier Garrido Miranda	

A paisagem vista através de uma lente António Campar de Almeida	105
Paisagens, biodiversidade e património natural Lúcio Cunha	109
Património natural, paisagens e biodiversidade Helena Freitas	113
Paisagem e Território Messias Modesto dos Passos	115
Património natural e conservação da fitodiversidade urbana Maria Eugénia Soares de Albergaria Moreira	121
Atividade de campo, paisagem e património natural Dirce Maria Antunes Suertegaray	129
Paisagens e Viagens (Trans)Amazónicas José Aldemir de Oliveira	135
Paisagens ribeirinhas e à beira-rio Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior	141
Paisagens do Pampa: hibridismo natureza - sociedade Roberto Verdum; Lucimar de Fátima dos Santos Vieira	147
Patrimônio natural, biodiversidade e alterações da paisagem na Caatinga Bartolomeu Israel de Souza	155
Lugares de Ontem, Lugares de Hoje, Lugares de Amanhã: Permanência e Mudança nos Lugares Naturais Raianos Lúcio Cunha	161
O Ser Humano e a Natureza Lúcio Cunha	167
Da concepção física do universo ao sentimento de mundo João Lima Sant'Anna Neto	171
O Tempo da natureza e do homem Antonio Nivaldo Hespanhol; Rosangela Ap. de Medeiros Hespanhol	175
A Biodiversidade, a Água e as Alterações Climáticas Jorge Paiva	179
Alterações e riscos climáticos e seus efeitos Ana Monteiro	183
Riscos e Desastres em tempo de Alterações Climáticas José Luis Zézere	187

ESPAÇOS RURAIS, AGRICULTURA E POVOAMENTO

Sociedade rural e espaço Carminda Cavaco	195
Espaços rurais - três percursos Fernando Oliveira Baptista	199
Rural - modos de ficcionar Álvaro Domingues	203
Os paradoxos do mundo agrícola, a ruralidade do Homem e a mundialidade da tecnologia Neli Aparecida de Mello-Théry	207
A revalorização das áreas rurais João Guerreiro	213
Luchar por la Subsistencia: Otros Tiempos, Otras Actividades José Manuel Llorente Pinto	217
Espaço rural português: despovoamento, declínio da agricultura e aumento do risco de incêndio florestal Luciano Lourenço	221
Conflitos no campo do Brasil entre camponeses, quilombolas, indígenas e grileiros Ariovaldo Umbelino de Oliveira	227
Triângulo Mineiro, Terra da Chapadas e Veredas Claudio Antônio Di Mauro	235
“L'essentiel est invisible pour les yeux” Pedro Hespanha	241
Grande sertão: veredas. O Homem, o Campo e suas (inter) relações Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro	245
E no interior do Estado do Rio de Janeiro ainda se dança o fado João Rua	251

CIDADE E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO

As cidades e os processos de urbanização António Gama	259
Cidade e Processos de Urbanização Pedro de Almeida Vasconcelos	263
Uma leitura da cidade Ana Fani Alessandri Carlos	269
A cidade, feixe de razões e temporalidades Maria Laura Silveira	273

A cidade e suas contradições	279
Sandra Lencioni	
Direito à moradia - uma luta sem tréguas	283
Arlete Moyses Rodrigues	
Cidades e Processos de Urbanização	289
Paula Santana; Adriana Loureiro	
Cidade e sociedade urbana	295
Maria Adélia de Souza	
Mil cidades. E em cada cidade outras tantas cidades	299
João Ferrão	
Paisagem, campo e cidade	303
José Borzachiello da Silva	
Urbanização e cidades, ciência e arte: a fotografia como linguagem	311
Maria Encarnação Beltrão Sposito	
Cultura e sociedade – cidade, arte e política	315
António Pedro Pita	
Provas de Contacto com a Urbanidade	319
Walter Rossa	
Olhares transversais: a cidade entre a imagem e a palavra	323
Claudino Ferreira	
Como uma transversal do tempo e do espaço	327
Maria Encarnação Beltrão Sposito	
A cidade é passado e presente ansiando pelo futuro	329
José Manuel Simões	
A Cidade num Mundo Global e Urbanizado	335
Teresa Barata-Salgueiro	
Uma Região de Cidades	343
José António Bandeirinha	
Las pequeñas ciudades fronterizas: nuevo protagonismo en la vertebración y cohesión territorial de la raya ibérica	349
Valentín Cabero Diéguez	
Urbano, Urbanização e Urbanidade	359
José Alberto Rio Fernandes	
Metropolização do Espaço, Cotidiano e Transformação da Cidade	367
Alvaro Ferreira	

CULTURA E SOCIEDADE: DIVERSIDADE CULTURAL E INCLUSÃO SOCIAL

Cultura e Sociedade: Diversidade Cultural e Social	375
Roberto Lobato Corrêa	
Cultura, imagens e paisagens	379
María Tereza Duarte Paes	
Superar los Límites, Aproximar las Culturas	387
Antonio Colinas	
Una mirada transversal comprometida con la vida y con el territorio	393
Valentín Cabero Diéguez	
O instante que se torna eterno	397
Fernanda Delgado Cravidão	
Figuras de Mundo	399
António Pedro Pita	
A Mirada Extrañada	403
Fernando R. de la Flor	
Configurar a própria imagem a partir da imagem do outro	407
Rogério Haesbaert	
A imagem, a cultura e a cultura da imagem	411
Eliseu Savério Sposito	
Conhecer, amar e cuidar: às vezes, há (a)casos assim	417
Clara Almeida Santos	
Transversalizando: contribuição para um diálogo de saberes	421
Carlos Walter Porto-Gonçalves	
O lugar: entre fixação e fluidez, repouso e mobilidade	427
Rogério Haesbaert	
Los Lugares, Territorios de Memoria y Identidad. Por una Geografía Activa y Cultural del Lugar	431
Valentín Cabero Diéguez	
Identidades Mitigadas	437
José António Bandeirinha	
Topografias de la Memoria	443
José Luis Puerto	
Porém as Coisas de que Falam as Fábulas Já Não se Encontram Mais...	447
António Gama	
100 anos é muito tempo. 100 quilómetros é muito longe	451
Paulo Peixoto	
O governo neoliberal por meio da guerra no Brasil	455
Cláudio Zanutelli	

A Todos os Cíveis Fuzilados nas Guerras	463
Jaime Couto Ferreira	
Desigualdades socioterritoriais na gestão da pandemia por COVID-19	467
Paulo Nuno Nossa	
Cultura e sociedade: diversidade cultural e inclusão social em Salvador-Bahia	479
Angelo Serpa	
As Favelas na Invenção da Cultura Urbana	485
Jorge Luiz Barbosa	
Vivências da Nossa Ausência: Ecos de Lá e de Cá	489
Fernanda Delgado Cravidão	
Migrações, envelhecimento demográfico, urbanização e despovoamento das áreas rurais	493
Maria Lucinda Fonseca	
Por estranhos paradoxos... em tempos de cosmopolitismo e globalização	505
Jorge Macaísta Malheiros	
Tiempos de Emigración	513
Florencio Maíllo Cascón	

A cidade, feixe de razões e temporalidades (2015)

Maria Laura Silveira

Professora do Instituto de Geografia da Universidade de Buenos Aires; Investigadora Independiente do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET)

A partir de conteúdos científicos, informacionais e financeiros, o sistema técnico que caracteriza a globalização tem permitido ocupar áreas novas para a produção e centralizar, ainda mais, os comandos políticos num pequeno número de pontos no território. As grandes empresas e agentes financeiros aumentam seu controle sobre os territórios nacionais, privilegiando áreas aptas para seus interesses, enquanto parecem distanciar-se das atividades banais da cidade. Assim, em boa parte dos países latino-americanos, a agricultura moderna e a indústria dispersa demandam a especialização dos serviços urbanos. Dir-se-ia, contudo, que é uma difusão concentrada das variáveis contemporâneas, responsável por uma aceleração dos processos de urbanização com o aumento da população urbana, do número de cidades e das demandas materiais e imateriais, produtivas e consumptivas, mercantis e sociais. Tarefas vinculadas à técnica, propaganda e marketing, administração e logística, exportação, informação estratégica e finanças tornam-se basilares e, em decorrência, o circuito superior da economia urbana (Santos, 1975) se robustece, ainda que de modo seletivo, nas grandes cidades e em algumas cidades médias. Atividades modernas solicitam mais atividades modernas e novas relações se estabelecem entre as aglomerações urbanas fazendo dialogar entre si tais patamares da economia superior. Daí a densidade técnica, informacional e normativa ao longo da rede urbana nas porções mais modernas do território.

Entretanto, o crescimento da economia, o adensamento dos objetos no território e a tecnificação e organização das ações contemporâneas parecem responder, em boa parte das sociedades latino-americanas, a um exercício de concentração econômica. Não há tampouco uma significativa expansão da base de empregos que acompanhe a modernização

material e organizacional e, além disso, as diferenças salariais e de renda são profundas. Nessa dinâmica, o papel do Estado tem sido frequentemente o de criar as melhores condições territoriais e econômicas para as grandes empresas e, por vezes, redistribuir uma parcela da renda entre os mais pobres sem atentar para as necessidades da produção menos capitalizada.

Ainda mais nos países onde a modernização agrícola e a concentração da terra são de toda evidência há uma tendência à formação de enormes manchas urbanas, permanentemente alimentadas por imigrantes rurais que, tantas vezes, se somam aos imigrantes estrangeiros e engrossam o circuito inferior. Em outras palavras, os pobres e desempregados, incluindo os imigrantes, procuram na grande cidade formas de sobrevivência. Daí a profusão de trabalhos, de todo tipo e natureza, que constituem divisões do trabalho em permanente transformação. Metáforas como *monstropole*, cidades que sofrem *elefantíase* ou atividades-esponja foram utilizadas no intuito de descrever os traços morfológicos e econômicos desses fenômenos. As ilhas de modernidade no território amiúde coexistem com o empobrecimento geral da população rural e urbana, de modo que a sobrevivência depende dessa multiplicação de divisões do trabalho, isto é, de circuitos de produção e consumo pouco capitalizados. Entretanto, os circuitos superior e inferior são opostos pela diferença de capital, tecnologia e organização (Santos, 1975) e, ao mesmo tempo, interdependentes nas funções e demandas, mesmo quando uma paisagem fragmentada possa por ventura obscurecer essa articulação.

Há inúmeras tarefas, imprescindíveis a essa economia superior, cuja realização não interessa aos atores hegemônicos. Transportes, consertos, distribuição, abastecimento, contabilidade, produção de certos insumos ou serviços, entre tantas outras, são atividades confiadas a firmas de capitais mais reduzidos, cuja interlocução com a técnica e a organização do circuito superior é a condição mesma da sua existência. É a porção marginal do circuito superior, capaz de contribuir a unificar as etapas da divisão territorial do trabalho hegemônica. Exercendo um papel essencial nessa cooperação, a porção marginal do circuito superior obtém, todavia, lucros modestos em função do poder que os agentes hegemônicos detêm para impor as condições e o valor do trabalho aos demais agentes. Entretanto, o poder público não é alheio a essa desigualdade no valor do trabalho. A existência de tal porção marginal na economia superior permite diminuir custos sem por isso abater os preços finais dos bens e serviços. Assim, a situação de oligopólio se fortalece por esse caminho, embora não se complete graças à própria existência de tais pequenas e médias empresas.

Das grandes empresas, cujo território é o país e o mundo, ao vendedor de rua, cujo território é a calçada e cujo capital cabe na própria mão, a metrópole é a síntese de todas as divisões territoriais do trabalho e o reino das inúmeras temporalidades da globalização. Os intermediários e, a cada dia mais, os intermediários financeiros são os responsáveis pelos

múltiplos fios que entretecem essas formas de trabalho. Velocidade e lentidão, antecipação e espera, fluxos e massas, mobilidade e imobilidade são imagens aptas para pensar como cada agente interpreta seu tempo e utiliza as possibilidades técnicas do período.

Produtora e usuária de grandes objetos e superfícies, essa economia superior não se renova sem um uso intensivo da técnica e do capital e, em decorrência, parece não deixar interstícios para o trabalho humano advindo de saberes empiricamente construídos. Meios compósitos de edifícios inteligentes e helipontos em modernos centros empresariais, aeroportos, grandes centros comerciais, condomínios fechados, antigos prédios revitalizados e arquitetura de autor já não podem ser retratados como paisagens do desespero como na imagem cunhada por Relph para fazer alusão à cidade da revolução industrial. Não poucas metrópoles latino-americanas vêem transformados seus centros históricos e outras porções com importantes reformas urbanísticas, cujo ar renovado produz revalorizações, fluxos e polarizações. Hoje a nova economia política da cidade inclui a estetização e fundamentalmente o alargamento das formas e normas do consumo que é crescentemente simbólico. O gigantismo da técnica contemporânea não raro manifesta-se na impertinência dos grandes objetos arquitetônicos na paisagem que, vinculados a novos conteúdos culturais ou comerciais, revelam que a reprodução ampliada do capital abraça lugares e atividades impregnando-os de uma razão entendida como racionalidade.

Hoje o peso da produção material na metrópole tende a diminuir em função dos processos de desconcentração industrial que, todavia, estão longe de alcançar os estabelecimentos do circuito inferior e, inclusive, a porção marginal do circuito superior. Malgrado a difusão concentrada das variáveis contemporâneas, nossa época conhece, mais do que nunca antes, uma banalização dos sistemas técnicos que, em arranjos diversos, redefinem as forças produtivas, as relações de produção e, em definitivo, os lugares. Daí o uso desses novos meios de produção entre os mais pobres. Cada um ao seu compasso é capaz de usar os dados da época e o fenômeno técnico na contemporaneidade é prova incontestável disso. Mais divisível, a técnica atual permite renovar o conteúdo das formas materiais passadas, dando-lhes novo sentido. Uma verdadeira presentificação do que já existe, no dizer de Sartre. Nos centros antigos e deteriorados das metrópoles, mas também nas periferias cuja formação é mais ou menos recente podemos observar uma profusão de formas simples de fabricação, comércio e serviços, incluindo especialmente a reparação de objetos banais e de objetos tecnológicos avançados. Do conserto de painéis ao de computadores e celulares, esse conjunto de agentes participa do tempo da globalização e amplia, ao seu ritmo, a base técnica contemporânea. Eis o circuito inferior, cujos atores amiúde dividem e unificam o trabalho, não sem bulício, em espaços públicos. São paisagens onde os corpos estão presentes, os capitais são pequenos e as combinações técnicas podem ser surpreendentes.

A aglomeração é a condição de existência para os agentes e atividades da pobreza. Quem carece de força para criar demanda apenas pode sobreviver onde esta já existe. Nos densos centros das metrópoles cada pedaço da calçada desponta como uma oportunidade de dividir os custos da centralidade e de aproveitar os enormes fluxos de pedestres. Escadas, paredes, estações de metrô, trens e ônibus, mercados de rua, pontos fixos e intermitentes, associações impensadas de ramos são a arena de uma economia cuja organização é um dado a ser repensado a cada dia. Nas periferias, esses afazeres, associados ao cuidado das crianças, dos idosos e da casa, as relações de vizinhança, as festas populares e religiosas insistem em reunificar o espaço da vida e o espaço do trabalho. A lentidão é, portanto, um dado da existência. O cotidiano é reinventado nessa imensidão de “gestos-fio” como denomina Ribeiro a ação espontânea, singelamente concebida e portadora dos valores compartilhados, que relacionam os saberes na co-presença. O reconhecimento do outro, que não busca impor normas e que precisa resolver o sustento do dia, leva a um diálogo permanente e fortalece o que Santos (1996) denomina densidade comunicacional. Essa reprodução simples da vida está nas antípodas da produção de organizações e normas que antecipem a eficácia das ações e, por isso, tantas vezes, essa economia é vista como informal, ilegal e improdutiva. A razão vincula-se ao cuidado da vida, ainda que nos discursos mais visíveis não possa galgar o status de racionalidade. Nessas condições, poderíamos perguntar-nos, na metrópole contemporânea, quem se arroga o direito de legitimar a quem?

Entretanto, as ruas das metrópoles latino-americanas revelam uma paisagem de oposições e interdependências. Nos bairros da periferia, publicidade e crédito mostram essa inter-relação e o permanente alargamento das possibilidades de consumir, levando a fortalecer a ideologia que busca convencer sobre a homogeneidade social das benesses da época. Concomitantemente, renova-se a arte da imitação, tão indissociável nos dias de hoje da arte da criação.

A cidade e, mormente, a metrópole agrega no seu seio um leque de próteses e semoventes de idades diversas e uma pluralidade de práticas, idéias, normas, cosmo-visões e formas de fazer que não se explicam apenas pelo presente nem apenas pela divisão territorial do trabalho hegemônica. A riqueza dessa diversidade sócio-técnica é ofuscada por uma desigualdade estrutural, cujas causas são políticas e cujas conseqüências principais são as restrições aos bens e serviços de direito comum sem os quais a vida social perde o rumo. É uma desigualdade estrutural, herança e cenário para a atual vida de relações. Todavia, quando grande parte da sociedade torna-se incapaz de exercitar os mandamentos atuais é possível vislumbrar os confins da racionalidade dominante. É tempo de indagar acerca das razões plurais que constroem a vida social na cidade.

Referências:

- Relph, Edward. *Place and placelessness*. Londres: Pion, 1976.
- Ribeiro, Ana Clara Torres. “Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana”. *Caderno CRH*, Salvador, v. 18, n.45, p. 411-422, set./dez. 2005. Santos, Milton. *L’Espace Partagé. Les deux circuits de l’économie urbaine des pays sous-développés*. Paris: M.-Th. Génin, 1975.
- Santos, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. Hucitec: São Paulo, 1996.
- Santos, Milton. *L’Espace Partagé. Les deux circuits de l’économie urbaine des pays sous-développés*. Paris: M.-Th. Génin, 1975.
- Sartre, Jean-Paul. *Crítica de la Razón Dialéctica. Precedida de Cuestiones de Método*. Buenos Aires: Losada, 3 ed., 1979.